



Vivian Urquidí¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Rafaela Nunes Pannain³ 

Bruno Massola Moda⁴ 

Universidade de São Paulo, Brasil

Enrique Dussel: humanista e pensador latino-americano

Em abril deste ano, enquanto preparávamos a primeira edição do ano da ***Brazilian Journal of Latin American Studies***, foi anunciado o falecimento de Pablo González Casanova (1922-2023). Naquele número, incluímos uma apresentação de sua trajetória como homenagem póstuma a esse intelectual cujas contribuições já são clássicas no pensamento sobre a América Latina e o Caribe. Já na etapa final de edição do presente número, o **47**, em cinco de novembro de 2023, recebemos a notícia do falecimento de outro grande pensador latino-americano, Enrique Dussel (1934-2023). Celebramos ambos, intelectuais dedicados à produção de um pensamento crítico engajado nas lutas políticas e epistêmicas de seu tempo.

Assim como González Casanova, Dussel escreveu a partir da América Latina, promovendo um profícuo diálogo entre realidades e tradições

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É Professora adjunta da Universidade de São Paulo no Curso de Gestão de Políticas Públicas e nos Programas de Pós-graduação Integração da América Latina e de Estudos Culturais. *E-mail:* vurquidi@usp.br

² Doutora em Economia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e na Universidade do Novo México. É Professora titular da Universidade de São Paulo na Faculdade de Economia e Administração e no Programa de Pós-graduação Integração da América Latina. *E-mail:* ciamali@uol.com.br

³ Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela Université Paris Sorbonne (2008) e doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2014). Membro do grupo de trabalho Clacso "Pueblos indígenas y procesos autonómicos", do Núcleo de Pesquisa, Diálogos Interseccionais e Epistemologias Latino-Americanas (Nupedelas) e do Grupo Mobilizações Sociais, da Universidade de São Paulo. *E-mail:* rafaelapannain@usp.br

⁴ Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. *E-mail:* bruno.moda@hotmail.com

intelectuais locais e de outros continentes. O primeiro era mexicano de nascimento, já o segundo tornou-se mexicano a partir da perseguição política sofrida em seu país de origem. Nascido em 1934, no povoado de La Paz, na província de Mendoza, Argentina, Enrique Dussel foi forçado ao exílio em 1975, após sofrer um atentado a bomba e ser demitido do cargo de professor na Universidade Nacional de Cuyo.

No testamento fílmico sobre sua vida e obras, “*Caminante no hay camino... un autoretrato documental* [Caminhante não há caminho... um autoretrato documental]” de Sergio García-Agundis⁵, Dussel afirma que a “vida de um autor começa pela vida de sua família, e isso pode determinar sua obra”⁶. É dessa forma então que começamos uma breve reconstrução de sua trajetória⁷. A rigorosa formação intelectual e ética de Dussel é apresentada neste número de forma cuidadosa por Jaime Ortega e Rodrigo Wesche, em ***Marxismo, teologia e política: Enrique Dussel***, que segue esta apresentação.

Dussel cresceu em um pequeno povoado na província de Córdoba, onde seu pai trabalhava como médico. Lá, vivia “em contato com o povo, com as pessoas mais simples”, como lembraria mais tarde (García-Agundis, 2015). A família de sua mãe tinha origem italiana e católica e a de seu pai, alemã e luterana, mas este era, nas palavras de Dussel (1998, p. 14-15), “um positivista, agnóstico, venerado pelo povo” e “um liberal conservador”, que esteve contra Juan Perón depois da Revolução de 1943.

A história de engajamento político de sua família, Dussel traçou a partir de seu bisavô operário e membro da Primeira Internacional Socialista na Alemanha. Ao migrar para a Argentina, ele fundaria um grupo de vanguarda do Partido Socialista em Buenos Aires. O nome Enrique, herdado por Dussel do avô, havia sido escolhido por esse bisavô para o

⁵ O retrato documental é a biografia intelectual de Dussel. O documental é organizado a partir de uma entrevista e depoimentos de Dussel que sintetizam as fases da sua formação como pensador, teórico e ativista político. O retrato documental está disponível em: <https://vimeo.com/114714858>. Acesso em: 14 dez. 2023.

⁶ Todas as traduções do espanhol para o português são nossas.

⁷ Partimos, principalmente, do relato autobiográfico produzido por Dussel para esse documentário e do número especial da Revista *Anthropos* “Enrique Dussel. Un proyecto ético y político para América Latina”, publicado em 1998, que também contém, dentre outros artigos, uma síntese da sua vida e obra.

segundo filho como homenagem a Karl Heinrich Marx, já que o primeiro fora batizado como Carlos. Contudo, Dussel (1998, p. 14) reconhecia em sua mãe, militante católica, a origem de seu “espírito de compromisso social, político e crítico”. Não causa então espanto que o início da militância do futuro filósofo tenha se dado nos grupos de jovens da Ação Católica. Mais tarde, seu engajamento o levou à presidência do Centro de Filosofia e Letras da Universidade Nacional de Cuyo. Em razão de sua atuação no movimento estudantil opositor ao governo de Juan Perón, Dussel foi preso em 1954.

Uma vez graduado em Filosofia na Argentina, mudou-se para Espanha com uma bolsa de estudos. “Em Madrid descobri a América Latina”, diria mais tarde, “e se desenvolveu uma experiência que não antecipara: não era europeu (e o espanhol, ainda que ‘de segunda’ nessa época, sim era), mas latino-americano” (DUSSEL, 1998, p. 16). A percepção das diferenças não apenas sociais, mas culturais ganharam assim um caráter central - filosófico, humano e existencial - nas suas reflexões sobre o *que é ser latinoamericano*: Quem somos culturalmente? Qual é nossa identidade histórica? (DUSSEL, 2004, p. 2)

Uma importante ruptura epistemológica começava a forçar a superação da etapa mais universalista e eurocêntrica da sua formação, consolidando progressivamente seu pensamento crítico e atento para as transformações políticas e intelectuais que ocorriam também naquele período na América Latina. Segundo ele:

Desde o final da década de 1960, e como resultado do surgimento das ciências sociais críticas latino-americanas (especialmente a “Teoria da Dependência”), e devido à leitura de Totalidade e Infinito de Emmanuel Levinas, e principalmente devido aos movimentos populares e estudantis de 1968 (no mundo, mas principalmente na Argentina e na América Latina), ocorreu uma ruptura histórica no campo da filosofia e, portanto, na filosofia da cultura. O que tinha sido o mundo metropolitano e o mundo colonial é agora (a partir da terminologia ainda desenvolvimentista de Raúl Presbisch na CEPAL) categorizado como “centro” e “periferia”. A isto devemos acrescentar todo um horizonte categórico que vem da economia crítica que exigia a incorporação das classes sociais como atores intersubjetivos para serem integrados numa definição de cultura. Não foi uma questão meramente terminológica, mas sim conceitual, que nos permitiu cindir o conceito “substancialista” de

cultura e começar a descobrir as suas fraturas internas (dentro de cada cultura) e entre elas (não apenas como “diálogo” ou “choque” intercultural, mas mais estritamente como dominação e exploração de uns sobre os outros). A assimetria dos intervenientes teve de ser tida em conta a todos os níveis. A etapa “culturalista” havia concluído. (DUSSEL, 2004, p.6)

Naqueles anos, na Espanha reinava a ditadura de Franco; e Dussel parece ter se afastado da militância política, dedicando-se essencialmente à sua formação acadêmica.

Depois de receber o título de Doutor em Filosofia, em 1959, pela Universidade Central de Madrid, Dussel foi morar em Nazaré, em Israel. Esse período foi determinante para sua futura trajetória intelectual, como explicou:

Esta era a “experiência originária” que se instalava por baixo de toda transformação epistemológica e hermenêutica futura. Foram anos de trabalho manual exclusivo, dez horas por dia, entre operários cristãos palestinos da construção. Eu era membro da *Istadrutz* (Confederação dos Trabalhadores de Israel), *tavzán gimel* (carpinteiro de “terceira” categoria), entre os árabes oprimidos em Israel [...] Experiência histórica, psicológica, intelectual, mística, humana...? Não sei. O que sei é que depois de dois anos, eu era outra pessoa, outra subjetividade, o mundo havia se invertido... agora o veria para sempre *desde abajo* (Dussel, 1998, p. 17).

No retorno à Europa, Enrique Dussel estudou Teologia na França e na Alemanha, e tornou-se Doutor em História, em 1967, pela Sorbonne. Sua tese tratava da defesa dos indígenas por religiosos na América Latina no século XVI, incluindo a atuação de Bartolomé de las Casas. Nos próximos anos, escreveu seus primeiros livros, uma trilogia: *El humanismo helénico* (1975 [1963]), *El humanismo semita* (1969) e *El dualismo de la antropología de la cristiandad* (1974)⁸.

Uma década depois de sua partida, e com a bagagem adquirida dentro e fora dos espaços acadêmicos, Dussel voltou à América Latina. Tornou-se professor de Ética na universidade em que se graduara. Pouco tempo depois, foi convidado para lecionar História para um grupo de

⁸ As três obras foram posteriormente reeditadas dentro da coleção de Obras Selectas de Enrique Dussel, pela Editorial Docencia em Buenos Aires. A primeira e a segunda apareceram no Tomo 4 (DUSSEL, 2012a); e a terceira no Tomo 5 (DUSSEL, 2012b).

religiosos e leigos latino-americanos no Instituto Pastoral do Conselho Episcopal Latino-americano, na cidade de Quito, no Equador. Ali surgiria a *Teologia da Libertação*.

A partir dessa experiência, Dussel faria uma série de viagens pelo continente. No documentário de García-Agundis (2015), o filósofo afirma que, a partir de 1967, estaria presente “em todos os movimentos que estão surgindo em todas as partes, desde os latinos nos Estados Unidos [...] até todos os demais países”, adquirindo assim “uma experiência de como ia subindo a consciência crítica revolucionária”, e acrescenta:

É uma etapa de guerrilhas na América Latina, de cristãos metidos na guerrilha dos Montoneros, dos guerrilheiros heróicos na Bolívia; e todas essas pessoas eram alunos nossos, meus. Eu ensinava, mas ao mesmo tempo aprendia. Então ia surgindo um pensamento latino-americano muito adequado ao concreto.

Esse período foi marcado não apenas por seu engajamento político, mas também por uma profícua produção intelectual. Em 1969, surge a **Filosofia da Libertação**, uma “ruptura epistemológica”, nas palavras de Dussel, que, nos anos seguintes, publicou os cinco volumes de *Para una ética de la liberación latinoamericana*⁹.

Sua atuação em ambos os campos atraiu a atenção de grupos paramilitares que o colocaram em uma lista de marcados para morrer. Assim, um ano antes do golpe de estado que inauguraria a ditadura militar-empresarial na Argentina, Dussel exilou-se no México.

A partir do exílio, Enrique Dussel se engajou numa rede de teólogos formada por africanos, asiáticos e latino-americanos, o que o levou a dar palestras em regiões do chamado Terceiro Mundo e lhe permitiu ampliar seus conhecimentos - *um diálogo intercultural* - sobre outras culturas da periferia do capitalismo:

O “diálogo” intercultural tinha perdido a sua ingenuidade e era conhecido por ser sobredeterminado ao longo da era colonial. De facto, em 1974 iniciamos um “diálogo” intercontinental “Sul-Sul” entre pensadores de África, Ásia e América Latina, cujo primeiro encontro teve lugar em Dar-es-Salam (Tanzânia) em 1976. (DUSSEL, 2004, p. 6)

⁹ Os cinco volumes foram traduzidos ao Português com o título *Para uma ética da libertação latinoamericana* em 1982 (DUSSEL, 1982a; 1982b; 1982c; 1982d; 1982e)

Paralelamente, conquistava um espaço crescente no meio acadêmico estadunidense, sendo convidado para lecionar em diferentes universidades daquele país.

É no México, a partir do início da década de 1980, que Dussel se dedica a um estudo mais sistemático de Karl Marx, apresentando novas interpretações sobre as contribuições do filósofo alemão, como argumentam Jaime Ortega e Rodrigo Wesche em artigo neste número da **BJLAS**. O objetivo desse mergulho na obra de Marx – a partir da leitura direta de seus textos, não de seus comentadores europeus e estadunidenses, que viria a criticar – tinha como propósito “esclarecer ambiguidades que a Filosofia da Libertação havia deixado de responder em sua primeira etapa” (Dussel, 1998, p. 24). “Relia Marx para explicar a pobreza do continente”, declarou no retrato documental a García-Agundis (2015). A partir do diálogo com Marx e com a teoria da dependência, começaria então uma segunda etapa da *Filosofia da Libertação* de Dussel.

No final da década de 1990, escreveria *Ética de la liberación en la edad de la globalización y de la exclusión*¹⁰, publicado em dois volumes e, já no novo século, os três volumes de *Política de la liberación*¹¹. Este respondia “à primavera política América Latina” e com ele Dussel ambicionava “dar instrumentos teóricos aos políticos para serem melhores políticos”, como explicaria no documentário García-Agundis (2015), acrescentando: “agora já não se trata de criticar o estado, agora é definir qual o estado novo que devemos criar”.

De fato, esta inquietação marca as transformações políticas e no plano intelectual que ocorriam no cenário latino-americano desde a década de 1980, quando da crise dos governos autoritários e dos projetos revolucionários. O primado da redemocratização rapidamente colocou na

¹⁰ Em 2000, esta obra foi traduzida ao português pela Vozes e publicada num único volume sob o título *Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão*. Ver Dussel, 2000.

¹¹ Esta coleção não foi traduzida ao português. Os três volumes da obra em espanhol estão em Dussel (2007; 2009; 2020) e foram lançadas pela Editora Trotta.

pauta política e intelectual a construção de uma nova hegemonia e a articulação dos interesses do bloco social dos oprimidos ao programa político dos partidos de esquerda. Assim, se na perspectiva teológica da liberação, os oprimidos deveriam ser o sujeito da sua liberação, em que as transformações dependessem da capacidade de as culturas populares se tornarem protagonistas de sua própria história; agora na perspectiva da hegemonia, o desafio seria que as classes subalternas aprendessem a arte de se governar: “além de se libertar, era necessário, portanto, conquistar a ‘hegemonia’ . Para chegar a isso não era suficiente se contrapor e derrubar o Estado autoritário, era preciso conquistar espaços na complexa rede da sociedade civil e se organizar como sociedade política” (SEMERARO, 2007, p. 99).

São os ecos do filósofo italiano, Antonio Gramsci, chegando à América Latina desde os anos de 1980, e que a sensibilidade de Dussel irá utilizar não apenas para dar sentido e orientação política aos setores oprimidos no ato da sua libertação, como também utilizará para entender o fenômeno do populismo das décadas do autoritarismo latinoamericano. Finalmente, as reflexões gramscianas sobre a hegemonia lhe dará as ferramentas para marcar o campo político em que as *classes populares* devem atuar e ser interpretadas no novo século XXI, longe do dogmatismo economicista que aposta prioritariamente nas classes trabalhadoras, e também do identitarismo de algumas vertentes do pensamento decolonial que encontram campo fértil nos novos movimentos sociais contemporâneos. Dussel propôs um projeto transversal, capaz de atravessar e articular num bloco histórico a luta de todos os povos oprimidos:

O projeto hegemônico que assume as demandas dos diferentes movimentos sociais, que são particulares (e devem ser), deve efetivamente entrar num processo de diálogo e de tradução. Dessa forma, a feminista entende que a mulher que afirma esse movimento é ao mesmo tempo a mais discriminada racialmente (a mulher negra), a mais explorada economicamente (a mulher trabalhadora), a mais excluída socialmente (a mãe solteira marginalizada), etc. Da mesma forma, aqueles que exigem igualdade entre raças descobrem que os trabalhadores negros são os mais injustamente tratados, que o racismo permeia todos os movimentos sociais restantes. Uma compreensão transversal

começa a construir um projeto hegemônico a partir do qual todos os movimentos incluem suas demandas (DUSSEL, 2019, p. 11)

Dussel se colocava deste modo em um debate relevante e sempre contemporâneo para as grandes urgências da América Latina. Seja no México, onde discute as autonomias adotadas notadamente pelos zapatistas, seja nos países que vivenciaram a *onda rosa*, quando criticamente analisa as estratégias das esquerdas ligadas aos chamados governos progressistas da região já nos anos 2000.

Seu engajamento em um projeto – pessoal e coletivo – de descolonização epistemológica perdurou. Assim, na segunda década do século XXI, participou dos Diálogos Filosóficos Sul-Sul, articulados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), e publicou, dentre outros livros, *Filosofías del Sur y descolonización* (2014) e *Filosofías del Sur: descolonización y transmodernidad* (2015).¹²

O currículo de 230 páginas, atualizado em 2023 e disponível na página de Enrique Dussel¹³, ilustra o quão profícuo foi sua produção intelectual e sua atuação como docente. Com efeito, o site reúne de forma organizada vasta informação sobre os trabalhos e a vida desse filósofo da libertação. Entre as dezenas de livros publicados sobre Filosofia e História, muitos foram traduzidos para diferentes línguas, como o inglês, o francês, o italiano, o alemão e o português. E, claro, Enrique Dussel encontrou um público leitor no Brasil. No currículo citado, encontramos cerca de 30 conferências realizadas no país, entre 1986 e 2022, além de sua participação no Fórum Social Mundial, em 2002.

Na breve trajetória aqui apresentada, apontamos apenas algumas pistas da sua obra e biografia intelectual. Contudo, como já mencionamos,

¹² Muito embora ambas obras sobre Filosofias do Sul não tenham sido publicadas em português, Enrique Dussel esteve no Brasil em 2021, apresentando as obras no Seminário Latino-Americano. Direitos da Natureza e Descolonialidades na Universidade Católica de Minas.

¹³ Na página oficial de Enrique Dussel, o pensador teve o cuidado de deixar registros de seu legado intelectual e biográfico, sistematizados no seu currículo, e em documentos digitalizados e de forma aberta da sua extensa obra escrita. Inclui também entrevistas, conferências e aulas gravadas, bem como diversas sugestões de trabalhos de outros autores sobre sua obra. Sua página está disponível em: <https://enriquedussel.com/>. Seu currículo está disponível em: https://cdn.enriquedussel.com/wp-content/uploads/2023/10/CURRICULUM_2023.pdf

Dussel foi um pensador que respondeu às questões e lutas políticas de seu tempo e espaço, por essa razão, nosso objetivo ao apresentar alguns momentos de sua trajetória foi lançar luz sobre experiências, lugares e encontros relevantes para a construção de seu pensamento, a partir de relatos do próprio autor.

Além disso, este número **47** da **Brazilian Journal of Latin American Studies** homenageia esse grande intelectual latino-americano do nosso tempo no artigo **Marxismo, teologia e política: Enrique Dussel**, de Jaime Ortega, professor e pesquisador do Departamento de Política e Cultura da Universidade Autônoma Metropolitana-Xochimilco (México), e Rodrigo Wesche, filósofo e historiador, integrante do Instituto de Formación Política de Morena (México).

Começamos este número com dois artigos que são perpassados pela construção de unidade entre países caribenhos e latino-americanos. No primeiro, **O Caribe na parceria estratégica UE - CELAC: o que esperar após a III Cúpula?**, Jacqueline Laguardia Martínez, professora do Instituto de Relações Internacionais da University of the West Indies, analisa as relações entre a União Europeia e a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos, com o foco no papel do Caribe. Ao centrar-se nas ações dos atores mais frequentemente negligenciados nas investigações, o artigo lança luz sobre as particularidades desses Estados insulares em sua ação na esfera internacional. Para tanto, o artigo estuda os mecanismos formais que balizam as relações entre o Caribe e a Europa e os resultados da III Conferência de Cúpula UE-CELAC, trazendo, além disso, perspectivas futuras para as políticas externas da região em relação à Europa, especialmente no contexto de emergência climática.

Já o segundo artigo, **III Congresso Panamericano de 1906: Juan Ramón Molina, Ruben Darío e o Brasil – Uma perspectiva política**, aponta como o projeto de construção de uma união entre latino-americanos é antigo. O artigo foi escrito por Jorge Elias Neto Solveig, mestre em Ciências Fisiológicas e membro da Academia Espírito-Santense

de Letras; Josefina Villegas Zerlin, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, e Ester Abreu Vieira de Oliveira, Professora Emérita da Universidade Federal do Espírito Santo e Presidente da Academia Espírito-Santense de Letras. Poetas eles mesmos, os autores se debruçam sobre as ações de dois poetas centro-americanos, Rubén Darío e Juan Ramon Molina, para explicar os posicionamentos dos países hispano-americanos naquele congresso, frente aos objetivos estadunidenses e à perspectiva brasileira, muitas vezes alinhada aos Estados Unidos.

Em **Poéticas do Absurdo: Características e manifestações na América Latina**, Lucas Vitorino, diretor, dramaturgo e doutorando do Instituto de Artes da Universidade do Estado de São Paulo (Unesp), examina o desenvolvimento de uma linguagem teatral regional própria, a partir da trajetória do Teatro do Absurdo na América Latina. O autor aponta como, ao usar a violência como ferramenta da crítica nos cenários das ditaduras latinoamericanas, as obras dramáticas abordavam temas caros à região mediante a interpretação e a memória. Demonstra, finalmente, como as influências da poética do absurdo perduram na atualidade.

No quinto artigo deste número de **BJLAS**, a antropóloga Verónica Vincencio Díaz, da Universidade Carleton, Canadá, reflete sobre a experiência de mulheres latino-americanas fora da América Latina, mais precisamente na cidade de Ottawa, no Canadá. Mais uma vez aparece o tema da formação de uma identidade comum entre latino-americanos – ainda que aqui essa construção seja “às avessas”. A partir da *drag performance* da brasileira Yolanda Valentino, a autora sublinha os estereótipos relacionados à ideia de “Latina” naquele país e como eles são desafiados. O artigo **Yolanda Valentino: Reiterando e criticando os estereótipos latinos através da performance drag** apresenta então um diálogo com a *teoria da fronteira* de Gloria Anzaldúa para analisar como esses estereótipos de gênero e raça são desafiados pela performance de

Yolanda, contestando inclusive a política de multiculturalismo predominante naquela cidade.

O esforço para entender a América Latina como uma unidade – ao qual Enrique Dussel, assim como tantos outros intelectuais do continente, se dedicou, e que se reflete, de diferentes formas, nos artigos anteriores – não implica ignorar a diversidade aqui existente. Ao contrário, o esforço de compreensão e de síntese requer o conhecimento dessa diversidade, como ilustram os artigos seguintes deste número. O primeiro deles trata de uma obra de origem indígena guatemalteca, o Rabinal-Achí, catalogada no século XIX pelo abade francês Charles Étienne Brasseur de Bourbourg. Em **O Rabinal-Achí em perspectiva: uma análise comparativa de suas diferentes versões escritas**, Bruno Tomazela Pasquali, doutorando do Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, propõe explicar as influências que esta obra sofreu ao ser transformada em um texto escrito, partindo da biografia do abade e da análise do Manuscrito Pérez, de 1917.

Em **Terra de imbunches y ch'uqtas: a dis-capacidad como dispositivo colonial na América Latina e Caribe**, Diana Carolina Vallejo Ortega, mestrandia em Filosofia da Universidade Iberoamericana, México, traz uma discussão sobre a diversidade dos corpos, em diálogo com o pensamento decolonial. A partir de uma análise crítica, a *dis-capacidad* é estudada como um dispositivo colonial com implicações ontológicas e ético-políticas para determinados corpos não normativos.

O impacto das desigualdades de gênero é o foco do artigo seguinte, **Viés de gênero nas elites políticas latino-americanas: pistas interpretativas de uma pesquisa comparativa de acadêmico**. Nele, Miguel Serna, professor titular da Universidade da República, Uruguai, trata da percepção de especialistas acadêmicos acerca do acesso desigual entre homens e mulheres às elites políticas na Argentina, Chile, Brasil, México e

Uruguai. O artigo indica ainda as razões por trás das desigualdades de gênero observadas.

As desigualdades de gênero também são tratadas por Roque Urbietta Hernández, doutor em Antropologia Social e Etnografia e em Estudos Latino-Americanos; contudo, de forma interseccional, tendo em vista que sua pesquisa tem como protagonistas mulheres indígenas. No artigo intitulado ***Mulheres indígenas mexicanas desafiando as fronteiras interlegais e barreiras sócio-jurídicas***, o autor observa o silenciamento dessas mulheres durante a constituição do Sistema Normativo Indígena no Estado de Oaxaca, no México, entre os anos de 1990 a 2000, e a construção de suas autonomias como resposta aos cadeados jurídicos que revelam os limites de um “Estado pluricultural neoliberal”.

A edição **47** da **BJLAS** inclui, finalmente, três resenhas de livros cujo conteúdo é relevante para o pensamento e o conhecimento sobre a América Latina e o Caribe.

O primeiro livro resenhado é ***A formação da coleção latino-americana no MoMA***, de Eustáquio Ornelas Cota Jr., onde é apresentada a composição do acervo de obras do Museu de Arte Moderna, que inclui grandes artistas latino-americanos. A resenha foi elaborada pela mestre da Universidade Federal de São Paulo, Mariana Silva Silveira.

“Retornar al origen: narrativas ancestrales sobre humanidad, tiempo y mundo”: ***Contribuições para um ambiente científico e acadêmico pós-abissal na América do Sul*** é a obra que a professora doutora Bruna Muriel F. Huertas e o mestrando Fernando Oliveira Nascimento, ambos da Universidade Federal do ABC, apresentam na resenha de um livro de autoria coletiva que traz saberes em forma de diálogos entre acadêmicos e sábios e sábias de diversos grupos étnicos do Equador, do Peru e da Colômbia.

Finalmente, a análise de um livro escrito por Cass Mudde sobre um tema fundamental, ***A extrema direita hoje***, ganha relevância crescente na América Latina e o Caribe. A resenha é do professor da Universidade

Estadual de Londrina, Rodrigo Mayer, e destaca as diversas faces deste movimento cuja atuação é internacional.

Referências

CAMINANTE no hay camino... un autoretrato documental. Direção de Sergio García-Agudis Kino Producciones, 2015. Disponível em: <https://vimeo.com/114714858>. Acesso em: 14 dez. 2023.

DUSSEL, Enrique. **El humanismo semita: estructuras intencionales radicales del pueblo de Israel y otros semitas.** Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1969, 142pp. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/otros/20120130103302/humanismo.pdf>. Acesso em 1 dez. 2023.

DUSSEL, Enrique. **El humanismo helénico.** Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975. 140 pp. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/otros/20120130103302/humanismo.pdf>. Acesso em 1 dez. 2023.

DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana I. Acesso ao ponto de partida da ética.** 1ª. ed., Edições Loyola/UNIMEP, São Paulo, 1982a, 189 p. Disponível em: https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/21.Para_uma_etica_da_I.pdf Consultado em: 8 dez. 2023.

DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana II. Eticidade e moralidade.** 1ª. ed., Edições Loyola/UNIMEP, São Paulo, 1982b, 241 p. Disponível em: https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/22.Para_uma_etica_II.pdf. Acesso em: 8 dez. 2023.

DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana III Erótica e pedagógica.** 1ª. ed., Edições Loyola/UNIMEP, São Paulo, 1982c, 281 p. Disponível em:

https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/27.Para_uma_etica_da_III.pdf

Acesso em: 8 dez. 2023

DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana IV. Política.** 1ª. ed., Edições Loyola/UNIMEP, São Paulo, 1982d, 213 p. Disponível em:

https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/33.Para_uma_etica_da_IV.pdf

Acesso em: 8 dez. 2023.

DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana V. Uma filosofia da religião antifetichista.** 1ª. ed., Edições Loyola/UNIMEP, São Paulo, 1982e, 163 p. Disponível em:

https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/34.Para_uma_etica_da_V.pdf

Acesso em: 8 dez. 2023.

DUSSEL, Enrique. En búsqueda del sentido. (Origen y desarrollo de una Filosofía de la Liberación). **Revista Anthropos**, n. 108, p. 13-36, 1998. Disponível em:

https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros_Sobre_ED/1998.Revista_Anthropos-Enrique_Dussel.pdf. Acesso em: 23 dez. 2023.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão.** 1ª. ed. Petrópolis: Ed. Vozes. 2000. 671 p. Disponível em: https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/50.Etica_da_libertacao.pdf.

Acesso em: 8 dez. 2023.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidad e Interculturalidad (Interpretación desde la Filosofía de la Liberación). In: FORNET-BETANCOURT, Raúl **Crítica Intercultural de la Filosofía Latinoamericana Actual**, Madrid: Editorial Trotta, 2004, pp. 123-160. Disponível em:

https://enriquedussel.com/txt/Textos_Articulos/347.2004_espa.pdf Acesso em: 30 de nov. 2023.

DUSSEL, Enrique. **Política de la Liberación. Historia mundial y crítica I.** Colección Estructuras y Procesos. Madrid: Trotta, 2007. 588p. Disponível em: https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/58.Politica_liberacion_historia_Vol1.pdf Acesso em: 8 dic. 2023.

DUSSEL, Enrique. **Política de la Liberación. Arquitectónica II.** Colección Estructuras y Procesos. Madrid: Trotta, 2009. 542p. Disponível em: https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/61.Politica_liberacion_arquitectonica_Vol2.pdf. Acesso em: 8 dic. 2023.

DUSSEL, Enrique. **El humanismo helénico / El humanismo semita**, Obras Selectas IV, 1a edición, Buenos Aires: Docencia, 2012a, 350 pp. Disponível em em: [https://enriquedussel.com/txt/Textos_Obras_Selectas/\(F\)4.Humanismo_helenico_semita.pdf](https://enriquedussel.com/txt/Textos_Obras_Selectas/(F)4.Humanismo_helenico_semita.pdf). Acesso em 1 dez. 2023.

DUSSEL, Enrique. **El dualismo en la antropología de la cristiandad.** Obras Selectas V, 1a edición, Buenos Aires: Docencia, 2012b, 328 pp. Disponível em: [https://enriquedussel.com/txt/Textos_Obras_Selectas/\(F\)5.Dualismo_antropologia_cristiandad.pdf](https://enriquedussel.com/txt/Textos_Obras_Selectas/(F)5.Dualismo_antropologia_cristiandad.pdf). Acesso em 1 dez. 2023.

DUSSEL, Enrique. **Filosofías del sur y descolonización**, Obras Selectas XXIX, 1a edición, Buenos Aires: Docencia, 2014, 278 pp. Disponível em: [https://enriquedussel.com/txt/Textos_Obras_Selectas/\(F\)29.Filosofias_sur_de_scolonizacion.pdf](https://enriquedussel.com/txt/Textos_Obras_Selectas/(F)29.Filosofias_sur_de_scolonizacion.pdf). Acesso em: 8 dic. 2023.

DUSSEL, Enrique. **Filosofías del sur.** Descolonización y Transmodernidad, Editorial AKAL, México, 2015. Disponível em: https://enriquedussel.com/txt/Textos_Indices/67-i.Filosofias_del_Sur.pdf. Acesso em: 8 dic. 2023.

DUSSEL, Enrique. Cinco tesis sobre el populismo. **Revista Digital La libertad de pluma**, v. 2, p. 1-28. n. 8 set. 2019. Disponível em:

<http://lalibertaddepluma.org/enrique-dussel-cinco-tesis-sobre-el-populismo/?pdf=3580>. Acesso em: 8 dic. 2023.

DUSSEL, Enrique. **Política de la Liberación. Crítica Creadora III**. Colección Estructuras y Procesos. Madrid: Trotta, 2020. 770p. Disponível em: <https://cdn.enriquedussel.com/wp-content/uploads/2022/05/Politica-de-la-Liberacion.-Volumen-III.-Critica-creadora..pdf>. Acesso em: 8 dic. 2023.

SEMERARO, Giovanni. Da Libertação à Hegemonia: Freire e Gramsci no Processo de Democratização do Brasil. **Rev. Sociol. Polít**, Curitiba, v. 29, p. 95-104, nov. 2007. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782007000200008>.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.220895](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2023.220895)

*Recebido em: 30/12/2023
Aprovado em: 30/12/2023
Publicado em: 31/12/2023*